

Escola, currículo e conhecimento escolar: indagações e análises freireanas a partir do diálogo com estudantes do Ensino Médio

School, curriculum and school knowledge: Freirean inquiries and analyzes based on dialogue with high school students

Alexandre Saul
Cristiane Mello de Miranda Silva
Fernanda Quatorze Voltas
Universidade Católica de Santos (UniSantos)
Santos-Brasil

Resumo

O artigo relata os caminhos percorridos em uma pesquisa que buscou responder à questão: Como os jovens compreendem o papel da escola em sua formação, com destaque para a relação entre o currículo escolar e a vida cotidiana. O quadro teórico da pesquisa é composto, principalmente, por produções de Freire (2018), Groppo (2016) e Dayrell (2003). A investigação, de abordagem qualitativa, desenvolvida com estudantes de uma escola pública de Santos/SP, incluiu procedimentos, tais como, pesquisa documental, aplicação de questionário e realização de um Círculo de Diálogo. De maneira geral, os resultados evidenciam, de um lado, a crítica dos jovens à falta de diálogo e de participação nas decisões sobre a escola. De outro, o reconhecimento do papel socializador das instituições de ensino e o desejo de que os conhecimentos trabalhados e produzidos nesses espaços estejam em maior sintonia com as realidades concretas dos jovens.

Palavras-chave: Função social da escola. Currículo e juventudes. Paulo Freire.

Abstract

The article reports on the paths taken in a study that aimed to answer the question: How do young people understand the role of school in their education, with emphasis on the relationship between the school curriculum and everyday life? The theoretical framework of the research is mainly composed of works by Freire (2018), Groppo (2016) and Dayrell (2003). The investigation, with a qualitative approach, was carried out with students from a public school in Santos/SP, included procedures such as documentary research, application of a questionnaire, and the conducting of a Dialogue Circle. Overall, the results highlight, on the one hand, the students' criticism of the lack of dialogue and participation in school decision-making. On the other hand, they recognize the socializing role of educational institutions and express a desire for the knowledge explored and produced in these spaces to be more in tune with the concrete realities of young people.

Keywords: Curriculum and youth. Social role of the school. Paulo Freire.

Introdução

Esse texto é resultante de uma pesquisa em nível de Mestrado (Silva, 2022), desenvolvida no ano de 2022. A investigação foi realizada durante um período crítico de pandemia de Sars-CoV-2, o coronavírus causador da Covid-19, que no Brasil chegou a ceifar mais de 4.000 vidas em um único dia, de acordo com a divulgação do Consórcio de Imprensa¹, em abril de 2021 (Linhares, 2021).

O vírus, além de impor medidas sanitárias drásticas, requereu atitudes coletivas de proteção mútua, implicando em distanciamento físico. Como consequência para a educação, acarretou o fechamento de muitas redes de ensino, escolas e universidades, as quais passaram a realizar as atividades de forma remota, mediante suporte tecnológico.

Às crises econômica, política, sanitária e social, agravadas no referido contexto, somou-se a crise educacional com professores exaustos, meios eletrônicos insuficientes e ultrapassados, alunos abandonando a escola por falta de apoio adequado, famílias sem saber como ajudar na formação de seus filhos, as novas regras mercadológicas da BNCC do Ensino Médio e pouco investimento material e na formação docente.

Em meio a esse grave cenário, a pesquisa em foco buscou direcionar um olhar para o jovem brasileiro em período escolar. Tomou como objeto as percepções desses sujeitos acerca de sua relação com o conhecimento e com a escola, nos anos finais de suas passagens pela Educação Básica. Buscamos, assim, responder à seguinte questão: *Como os jovens compreendem o papel da escola em sua formação, com destaque para a relação entre o currículo escolar e a vida cotidiana?* Em relação ao objetivo geral, o estudo dedicou-se a compreender a atual função social da escola sob o prisma dos jovens que cursam o Ensino Médio.

De maneira geral, o diálogo com o quadro teórico possibilitou delinear, com mais clareza, algumas premissas que sustentaram a investigação. A primeira delas, é que parece haver uma distorção da função social da escola, em que há a priorização de atendimento ao mercado de trabalho em detrimento da formação integral do ser. Porém, é preciso saber em que medida o jovem percebe e lida com essa questão. Nesse sentido, há o pressuposto de que os jovens não são ouvidos em relação às suas perspectivas para o futuro.

Em conformidade com a primeira conjectura, a configuração dos currículos na atualidade tem sido frequentemente voltada aos interesses dos grandes conglomerados comerciais, industriais e financeiros, em um movimento de educação desumanizadora, que prescinde e nega a participação mais crítica dos jovens. A terceira premissa parte do princípio de que os jovens anseiam por terem suas vozes verdadeiramente escutadas e suas proposições para a construção de um currículo do Ensino Médio que faça sentido respeitadas, de acordo com sua territorialidade, cultura e projetos pensados a partir de suas necessidades sociais, econômicas e políticas.

Freire (2004) lembra-nos, em sua obra *Essa escola chamada vida – depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho*, que a leitura do mundo e a leitura da palavra devem entrelaçar-se em busca de novas percepções que gerem transformações sociais. Contudo, se as juventudes estão sendo pasteurizadas por conteúdos pré-definidos direcionados às demandas neoliberais, haverá uma ruptura na formação plena desses jovens. Por isso, no estudo realizado, sob os aportes de teorias sistematizadas, buscou-se evidenciar as vozes plurais dos jovens em torno da questão central da pesquisa.

Jovens como sujeitos que constituem uma categoria social

Partindo da concepção de que a configuração de categoria social é constituída por percepção estatística e sócio-histórica, urge lembrarmos que os grupos de indivíduos que possuem uma congruência de necessidades, de desejos e de anseios formam a sociedade. Essa congruência é definida sociologicamente como categoria social, principalmente para titularidade de direitos a ela direcionados (Grosso, 2000). Para Peralva (1997), podemos definir as juventudes como uma condição social e um tipo de representação, que se verte em sua capacidade de construir seu próprio modo de ser, apesar de signos já pré-determinados socialmente (Dayrell, 2003).

Foracchi (2018) aponta para o fato de que os jovens sofrem muitas pressões, passam por tensões e enfrentam muitas contradições. Segundo a autora, os jovens devem seguir parâmetros de linguagem e de comportamento compatíveis com os ideais que sustentam a definição de adulto perante a sociedade em que se vive. Em decorrência, há a estigmatização, a exclusão e até a marginalização de muitos sujeitos que não se encaixam em tais expectativas.

Caminhos percorridos para o desenvolvimento de uma práxis dialógica com os jovens estudantes do ensino médio: uma perspectiva freireana

No entendimento de Groppo (2016), frequentemente, os jovens são privados de externar suas potencialidades, de usufruir de seus direitos legalmente constituídos e de viver plenamente a sua vida. Logo, há uma heterogeneidade existente nessa categoria social juvenil. De acordo com Pais (1990, p. 149):

[...] quando falamos de jovens das classes médias ou de jovens operários, de jovens rurais ou urbanos, de jovens estudantes ou trabalhadores, de jovens solteiros ou casados, estamos a falar de juventudes em sentido completamente diferente do da juventude enquanto referida a uma fase de vida.

Assim sendo, os jovens, apesar de serem juridicamente considerados componentes de uma única categoria social – Lei Nº 12.852/2013 (Brasil, 2013) –, devem ser vistos, ouvidos, estudados e respeitados, sempre inseridos em um contexto social, econômico e territorial próprio.

Em se tratando de educação formal e de constituição curricular voltada às juventudes, será que os conhecimentos inseridos no currículo do Ensino Médio satisfazem as necessidades, os anseios e as perspectivas dessa categoria social plural? Os conhecimentos construídos durante essa fase estudantil são, de fato, úteis à vida dos jovens? Essas questões orbitam a relação ensino-aprendizagem dentro da escola, bem como as relações sociais constituídas nesse ambiente parecem não ser contempladas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Médio, que passou a ser obrigatória em todo território brasileiro, a partir do ano de 2022.

Contribuições de Paulo Freire no pensar a relação dos jovens com o conhecimento

Em sua obra, Freire (1979) destaca que é a partir da consciência humana de sua incompletude que o homem busca, por meio da educação, descobrir-se, modificar-se e transformar o mundo à sua volta. Dessa forma, o ser humano deve ser sujeito da sua própria educação e não objeto dela.

Por princípio, entendemos, à luz de Freire (2018), que a prática da educação autêntica é aquela que se vive de forma total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, estética e ética. Nesse contexto, o conhecimento significativo, que possibilita avançar na direção da humanização, pode ser compreendido como uma “[...] série de saberes existentes que, apesar de terem naturezas diferentes, possuem um conjunto de ideias já produzidas e que fazem parte de um patrimônio cultural ao qual recorreremos para responder às nossas necessidades” (Giovedi, 2019, p. 41).

Essa compreensão revela o conhecimento como uma construção histórica e social que passa a ser significativo na medida em que responde aos desafios da realidade enfrentadas pelos sujeitos. É a produção de novas sínteses, a partir da articulação de uma série de saberes, o que nos leva ao resultado de uma relação entre o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível (Freire, 1981a), sobretudo por intermédio da dialogicidade entre os sujeitos que vivenciam os processos de educação (Giovedi, 2019). O conhecimento, dessa forma, é aquilo que recria, renova e reinventa (Cortella, 2018). É o saber que faz sentido para o sujeito e que é interiorizado pelo sujeito (Charlot, 2001).

Em uma concepção crítica, afirmamos que o ato de conhecer implica curiosidade e vontade de aprender. Em relação à curiosidade, Freire (1981b, p. 9) pontua ser um elemento fundante na produção do conhecimento, “[...] uma necessidade ontológica de criação e recriação da existência humana”, no processo de conscientização. Em sintonia, em relação à vontade de aprender e de ensinar, Charlot (2001) explica que é essencial o movimento que direciona a pessoa à busca de respostas, sendo ele singular e coletivo ao mesmo tempo.

Na obra *Ação cultural para a liberdade*, Freire (1981b) alerta sobre a complexidade do ato de estudar, no qual está inserida a relação ensino-aprendizagem. O sujeito, para construir conhecimento, deve ter uma postura crítica, sistemática e ativa. Do mesmo modo, deve estar atento a aspectos histórico-sociológicos do conhecimento, associando o objeto estudado à realidade conhecida ou experimentada. Esse é o caminho, de acordo com o autor, do “pensar certo”. Estudar é, portanto, um ato humilde, posto que o sujeito assume suas inconclusões e ingenuidades em determinado assunto, na direção de criar e de recriar ideias (Freire, 1981b). O mesmo movimento ocorre no ato de ensinar, profundamente abordado por Freire (2018), em sua obra *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*.

A Pedagogia inspirada em Freire (1979) tem a práxis como elemento essencial à humanização dos sujeitos. É a ação-reflexão-ação relacionada à realidade dentro de um contexto histórico, econômico e social. Trata-se do exercício da hominização, ou seja, a sua capacidade de transformação do mundo e não mais a total submissão às forças da natureza. Em uma espiral de humanização, o homem humaniza-se coletivamente, em um compromisso de “que-fazer” solidário. Seguindo esse raciocínio, a construção do conhecimento realiza-se em um ato consciente de construção pessoal e social, que expressa

Caminhos percorridos para o desenvolvimento de uma práxis dialógica com os jovens estudantes do ensino médio: uma perspectiva freireana

um ato político (Freire, 1979), que traz implicações à vida coletiva, uma vez que as escolhas acerca daquilo que é considerado conhecimento válido atua no sentido de reforçar ou de questionar a ordem estabelecida.

Nesse sentido, a politicidade da educação, assumida a partir da perspectiva freireana, desafia-nos a refletir sobre as eventuais escolhas inseridas em políticas públicas que estabelecem: quem define o que estudar, quem deve estudar, como estudar e onde estudar. De maneira geral, em sociedades de classe altamente estratificadas, as políticas educacionais não estão voltadas ao “ser mais” crítico, libertador e emancipatório, mas, sim, à manutenção do *status quo* que favorece posições de exploradores e de dominadores das classes sociais vulneráveis.

Fundamentadas nessa lógica estão as atuais reformas curriculares, geradas a partir da BNCC, que obstaculizam a socialização e o diálogo entre os sujeitos (Cury; Reis; Zanardi, 2018). Proposta como essas levam à padronização do ensino, buscando a homogeneização de uma realidade heterogênea que, além de agravar a desigualdade social em nosso país, empobrece o conteúdo e a forma do que será ensinado, nas diferentes etapas da escolarização. No âmbito do Ensino Médio, as reformas priorizam a profissionalização precoce e subalternizam o conhecimento de imprescindíveis bases técnicas, científicas e humanas. (Grabowski, 2018).

Diante disso, no atual contexto histórico de reiteradas mudanças do currículo dessa fase final da Educação Básica, mostrou-se pertinente perguntamos aos jovens do Ensino Médio: Que tensões são percebidas por eles nas relações de ensino-aprendizagem, entre educadores e educandos, em face da força dos processos de padronização curricular? Por conseguinte, como os jovens percebem o currículo que é praticado durante essa fase do ensino, especialmente, no que se refere à construção de conhecimento?

Ensino Médio: para quê, por quê e para quem?

O Ensino Médio representa a etapa final da Educação Básica brasileira, a qual envolve, especificamente, os jovens. Estes, ao mesmo tempo em que vivenciam variadas tensões em relação à formação de suas identidades individuais e coletivas, defrontam-se com a obrigatoriedade de cursar essa fase da formação para dar continuidade a suas trajetórias acadêmicas.

Historicamente, o Ensino Médio tem sido alvo de disputas de diferentes classes sociais que reconhecem a importância da educação para a concretização de objetivos diversos em relação à formação do ser humano e da sociedade. Nesse sentido, Veloso (2016) destaca a dualidade estrutural em torno das finalidades dessa etapa de ensino, que gera segregação educacional e separa as pessoas que irão ser formadas propedeuticamente, com o objetivo de continuação dos estudos em ambiente universitário, daquelas cujas trajetórias serão voltadas à empregabilidade imediata, em diferentes momentos da história.

A escola é uma instituição social, portanto, os valores que constituem a sociedade em uma determinada época, também estão presentes nesse espaço. Na perspectiva freireana, há a compreensão de que a função social da escola passa pelo reconhecimento de que é necessário construir, com os educandos, um conhecimento significativo, a partir do diálogo entre seus saberes de experiência e os saberes científicos, com a intenção de que os estudantes sejam capazes de compreender melhor o mundo em que vivem e possam engajar-se em movimentos em prol de sua transformação.

A utopia de construção de uma sociedade mais justa supõe coletivizar os grandes benefícios oriundos da produção humana e será mais factível se a escola cumprir sua função de universalizar criticamente o conhecimento científico, artístico, filosófico formal e constituir-se em espaço de vivência democrática.

Em contraposição, a sociedade brasileira é marcada por uma tradição autoritária e excludente (Saul; Voltas, 2021). Nessa conjuntura, a escola, de forma hegemônica, sobretudo no âmbito das práticas, vem demonstrando grande aderência à lógica neoliberal servindo, portanto, à adaptação dos sujeitos ao *status quo* marcado pela desigualdade e pela exclusão.

No tocante às políticas educacionais, todavia, essa intenção majoritariamente adaptativa não se encontra explicitamente declarada nos discursos e nos textos oficiais, uma vez que isso tornaria amplamente visível a face injusta e, muitas vezes, perversa que a educação assume no sistema capitalista. Em função disso, cabe questionarmos: Escola para quê? Escola por quê? Escola para quem?

No firme propósito de dialogarmos acerca dessas indagações, afirmamos que, na contramão da lógica neotecnicista a favor do mercado, existe a possibilidade da formação dialética nas escolas. Isso significa um espaço de possibilidades, sob a regência do contexto

Caminhos percorridos para o desenvolvimento de uma práxis dialógica com os jovens estudantes do ensino médio: uma perspectiva freireana

histórico e análise territorial, para a construção significativa de conhecimentos e culturas. A educação, com esses fundamentos, necessita de reflexão crítica e diálogo, tendo em vista a emancipação.

Compreender a escola, desse modo, permite ressignificar a sua função social, em sintonia com princípios e práticas humanizadoras, fato que implica o compromisso de lutar para que essa utopia seja potencializada e ganhe materialidade na prática social.

Apontamentos metodológicos

A pesquisa realizada, que buscou identificar e analisar a percepção dos jovens a respeito de sua realidade estudantil, inseriu-se em uma abordagem qualitativa de pesquisa (Chizzotti, 2008).

O estudo em foco orientou-se pela perspectiva epistemológica crítico-dialética como orientação filosófica. Por isso mesmo, considera importante analisar contradições geradas nas relações cotidianas estudantis, os desafios da realidade vivenciada por sujeitos concretos inseridos em um contexto histórico e social dinâmico e mutável, e os sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos às suas situações existenciais.

Em termos gerais, o desenvolvimento da pesquisa incluiu a revisão bibliográfica do tema, pesquisa documental e procedimentos como aplicação de um questionário e a realização de um Círculo de Diálogo.

a) Campo de pesquisa e a aproximação com a escola: um breve relato

Os sujeitos da pesquisa foram jovens que cursaram o último ano do Ensino Médio de modo remoto em uma escola pública estadual, no bairro Ponta da Praia, área nobre da cidade de Santos, litoral paulista. Os critérios para a seleção dos jovens foram: estarem matriculados e cursando o Ensino Médio; terem participado da reunião explicativa do papel da pesquisa a ser realizada com eles; manifestarem interesse em participar do estudo; e possuir autorização tanto da escola quanto de seus pais, tutores ou responsáveis legais para participar das atividades planejadas.

A escolha dessa instituição de ensino ocorreu em função do acesso à gestão da escola facilitado por uma das professoras da instituição, também mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação ao qual o estudo se vincula. Ademais, a receptividade dos educadores e dos educandos da escola foi um fator decisivo para a escolha desse campo empírico.

No que se refere à escolha e aproximação dos sujeitos, assim como em relação a outros momentos da pesquisa, buscamos impregnar essa etapa com pressupostos da pedagogia freireana, tais como respeito, confiança, diálogo e humanização.

A aproximação dos jovens e seus familiares/responsáveis legais ocorreu da seguinte maneira: em um primeiro momento, utilizamos o período designado para as aulas de Educação Física, gentilmente cedido pela professora, para dialogar sobre o papel do pesquisador e da pesquisa para a sociedade, bem como para apresentar aos estudantes a proposta da investigação.

Para tal, foram disponibilizadas três aulas do Ensino Médio, no turno da manhã, distribuídas da seguinte forma: uma aula para a turma do 1º ano; uma para o 2º ano; e uma para o 3º ano.

Em um encontro virtual, a temática da pesquisa foi apresentada aos sujeitos, assim como as etapas metodológicas para a sua realização. A partir desse primeiro contato, a professora criou um grupo de WhatsApp para que os alunos pudessem esclarecer quaisquer dúvidas ou questionamentos sobre a pesquisa e possibilitar o contato dos pesquisadores com os pais ou responsáveis legais dos jovens. Acentuamos que a professora da escola estava presente no grupo de WhatsApp, o qual contou com a permissão do diretor.

De posse dos contatos dos pais, passamos a realizar ligações telefônicas para explicar acerca da investigação, das etapas e das autorizações necessárias à permissão para que os jovens pudessem participar do estudo. Vale ressaltar que todos os pais ou responsáveis receberam, via e-mail, o projeto de pesquisa bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Os responsáveis pelos alunos concordaram com a participação dos estudantes. Com a adesão dos sujeitos à pesquisa, houve a necessidade de conhecer melhor os jovens-educandos e as realidades vivenciadas por eles. Com essa intenção, foi aplicado um questionário virtual, cujo objetivo foi conhecer a situação econômica, social e cultural dos educandos, e as suas percepções iniciais sobre a educação e a escola.

O uso do questionário permitiu uma identificação eleita pelos sujeitos para a sua auto nomeação, por meio de codinomes, que objetivou dar mais liberdade na elaboração das respostas, em razão do anonimato.

b) Planejamento e execução das ações

Caminhos percorridos para o desenvolvimento de uma práxis dialógica com os jovens estudantes do ensino médio: uma perspectiva freireana

A pesquisa desenvolvida buscou confrontar a compreensão dos jovens sobre a escola, com uma concepção de formação humanizadora, mediante a premissa crítico-reflexiva. Em relação aos procedimentos de pesquisa, antes da aplicação de um questionário, foi feita uma reunião online com os sujeitos, via Google Meet, para explicar o objetivo do instrumento assim como as questões inseridas nele. Após esse encontro, o questionário foi disponibilizado aos jovens e enviada uma cópia, por e-mail, aos pais ou responsáveis.

Em dois dias, todos os questionários já haviam sido respondidos na Plataforma Formulários Google. O questionário foi composto por sete perguntas de caracterização, que permitiram coletar dados mais gerais sobre os estudantes. Esse instrumento continha também sete questões temáticas elaboradas a partir de três eixos, a saber: Eixo 1: Percepções sobre a função social da escola; Eixo 2: Percepções sobre relações entre o conhecimento e o currículo; Eixo 3: Percepções sobre relações entre o conhecimento e a vida cotidiana.

Da análise das respostas dos estudantes ao questionário emergiram categorias empíricas importantes que, na percepção dos sujeitos, condicionavam o desenvolvimento do que seria uma “educação ideal” para eles: ensinar, aprender, diálogo e conhecimento.

Dando sequência aos procedimentos da pesquisa, foi realizado um “Círculo de Diálogo” com os estudantes, no intuito de aprofundar a compreensão dos significados atribuídos pelos jovens acerca da importância do conhecimento construído dentro da escola para suas vidas. O Círculo de Diálogo encontra inspiração nos Círculos de Investigação Temática praticados e teorizados por Paulo Freire em suas obras. Esses, podem ser compreendidos como encontros que permitem o diálogo entre as possíveis leituras de mundo dos sujeitos participantes e têm como etapas a escolha das palavras geradoras, a codificação e a decodificação (Freire, 1978).

Para a realização do Círculo, optamos por um encontro presencial, na praia, local aberto, arejado e que permitiria manter todos os cuidados exigidos para a segurança dos participantes durante a pandemia da Covid-19. Nesse encontro, foram utilizados materiais coloridos e diversificados, em busca de gerar efeitos estéticos que pudessem contribuir para estimular as falas dos jovens.

Figura 2 – Círculo de Diálogo com os sujeitos da pesquisa



Fonte: os autores

A estética foi pensada na disposição circular dos lugares reservados aos jovens, das cores alegres, transparecendo a boniteza e a leveza, que combinaram com a paisagem litorânea e com os jardins da orla de Santos. Foi um ambiente que gerou conforto e incentivou o diálogo. O Círculo de Diálogo contribuiu para o aprofundamento da compreensão acerca das percepções dos jovens sobre o objeto da pesquisa. Ao externarem suas compreensões e ouvirem os seus colegas, eles construíram, em conjunto, percepções acerca dos conceitos que haviam elencado.

O Círculo de Diálogo foi iniciado com uma rodada em que os estudantes puderam falar de si. Na ocasião, após retomar os objetivos e explicitar a fase da pesquisa, foi proposta a metodologia dialógica como caminho para o trabalho a ser desenvolvido com eles. Após a explicação de como foram extraídos os conceitos a partir dos questionários que os jovens haviam preenchido, foi detalhada a forma de captação de suas percepções.

A cada jovem que ocupou um lugar no círculo, conforme mostra a Figura 2, foram disponibilizadas esferas de acrílico (Figuras 4 e 5), que abrigavam conceitos, escritos em papéis coloridos, elencados a partir de uma interpretação inicial dos pesquisadores sobre as respostas dadas pelos jovens ao questionário.

Os sujeitos foram, então, convidados a abrir as esferas, pegar os papéis de uma determinada cor e falarem sobre os significados que atribuíam ao que liam. Após as falas, eles conversaram acerca de suas visões e, por fim, escreveram um pequeno parágrafo sobre o que uma escola ideal deve ter. Em seguida, houve a explicação das próximas fases da pesquisa e da importância daquele momento para o desenvolvimento da investigação.

Caminhos percorridos para o desenvolvimento de uma práxis dialógica com os jovens estudantes do ensino médio: uma perspectiva freireana



Figura 4 – Esfera
Fonte: os autores



Figura 5 – Conteúdo das esferas
Fonte: os autores

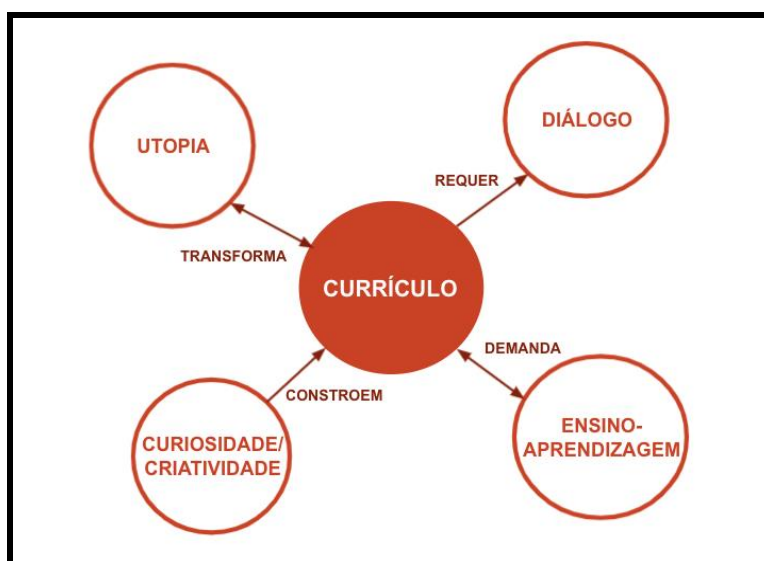
O Círculo de Diálogo contribuiu para a compreensão individual e coletiva acerca dos conceitos e das proposições juvenis. Posteriormente, as percepções dos jovens, identificadas nessa etapa da pesquisa, foram cotejadas e articuladas aos sentidos e significados que essas categorias assumem no bojo do pensamento de Paulo Freire, dando origem a uma trama conceitual freireana.

As tramas conceituais freireanas são instrumentos teórico metodológico criado no âmbito da Cátedra Paulo Freire da PUC-SP, e têm uma dupla função a saber: a) possibilitar o aprofundamento do estudo de conceitos da obra de Paulo Freire, de maneira relacional; b) orientar o desenvolvimento de planos de ação voltados à transformação da realidade, tendo como referência pressupostos freireanos (Saul; Saul, 2018). Enquanto representação gráfica, a trama permite visualizar a articulação dinâmica entre conceitos freireanos e suas possíveis interconexões, tendo por base um elemento central que tem congruência lógica com os demais. Dessa forma, tem em seu centro um conceito, articulado a outros pertinentes à pesquisa realizada, não de maneira hierarquizada, mas, sim, relacional.

No bojo da pesquisa desenvolvida, tanto os conceitos circundantes quanto o conceito central da trama foram selecionados a partir da observação da reincidência de determinados conceitos implícitos às respostas dos jovens nos questionários e nos “Círculos de Diálogo”, além da relevância e da pertinência para uma educação democrática.

Na trama conceitual construída, o conceito central “currículo” encontra-se articulado aos conceitos a seguir: “diálogo”, “ensino-aprendizagem”, “curiosidade/criatividade” e “utopia, representados na Figura 1.

Figura 1 – Trama conceitual centrada no currículo



Fonte: os autores

Reiteramos que a trama foi utilizada para o aprofundamento teórico-conceitual e interpretação das evidências coletadas por meio do questionário e dos registros produzidos no Círculo de Diálogo.

Análise dos dados

Finalizadas as ações de pesquisa acima descritas, foram realizadas a organização, a leitura, a interpretação e a análise dos dados coletados, tendo em vista responder à questão central da pesquisa: *Como os jovens compreendem o papel da escola em sua formação, com destaque para a relação entre o currículo escolar e a vida cotidiana?*

As evidências foram distribuídas em eixos temáticos, desenhados a partir dos objetivos desta investigação, e que foram assim nomeados:

- Eixo 1: Percepções sobre a função social da escola.
- Eixo 2: Percepções sobre relações entre o conhecimento e o currículo.
- Eixo 3: Percepções sobre relações entre o conhecimento e a vida cotidiana.

As evidências situadas e analisadas em cada um dos Eixos foram selecionadas a partir de seu potencial explicativo acerca do objeto da pesquisa, de sua pertinência em relação à lógica interna de cada eixo temático e da intensidade com que se encaixavam nos critérios anteriores.

Eixo 1: Percepções dos jovens sobre a função social da escola

O eixo sobre a função social da escola foi construído a partir de indagações em relação à importância da escola na formação dos jovens bem como no que tange à

Caminhos percorridos para o desenvolvimento de uma práxis dialógica com os jovens estudantes do ensino médio: uma perspectiva freireana

percepção de sua condição de alunos. As falas de alguns sujeitos desta pesquisa permitem dizer que a escola ainda é percebida como um contexto de “transmissão” de conhecimentos, de constituição de habilidades para a vida adulta e de tomada de decisões sobre o futuro.

A análise das respostas dos estudantes em torno do que esperam da escola possibilitou identificar a existência de um anseio por limites colocados pela instituição, no que concerne às circunstâncias que cercam o ensino-aprendizagem. De acordo com Paulo Freire, em *Pedagogia da autonomia*:

O bom clima pedagógico-democrático é o em que o educando vai aprendendo, à custa de sua prática mesma, que sua curiosidade, como sua liberdade, deve estar sujeita a limites, mas em permanente exercício. Limites eticamente assumidos por ele. Minha curiosidade não tem o direito de invadir a privacidade do outro e expô-la aos demais. (Freire, 2018, p. 82).

Isso significa que, sem dúvida, o professor e a escola, respeitando a curiosidade e a liberdade dos educandos, precisam colaborar para que estes possam conhecer, testar e, até mesmo, transgredir condições que lhes são apresentadas no sentido de ir além do estabelecido, resguardados princípios éticos. Os limites não podem ser domesticadores, precisam estar em constante revisão histórica, sob pena de opacizar a visão dos estudantes, sufocar a sadia rebeldia da juventude, aproximando a prática educativa de uma perspectiva bancária (Freire, 1981b).

Apesar de inicialmente atestarem que um bom modelo de educação é aquele no qual eles, os jovens, estejam mais receptivos a ensinamentos prontos que vêm dos professores, eles elegem a curiosidade como uma das características essenciais ao aluno, contradizendo, em certa medida, a primeira percepção, haja vista ser a curiosidade um fator importante para o movimento de construção de conhecimentos.

Em relação ao papel a ser desempenhado pelos estudantes, segundo os sujeitos da pesquisa, há o consenso de que o aluno deve estar atento aos ensinamentos dos professores, bem como realizar um movimento em direção ao aprender. Os elementos vontade, curiosidade e diálogo foram elencados como centrais no processo ensino-aprendizagem, deixando transparecer a ausência de argumentos que dissessem de outras condições fundamentais ao desenvolvimento de uma prática educativa com qualidade social. Assim, foram deixados de fora da conversa temas ligados a desigualdades e a injustiças sociais que atravessam a vida dos estudantes. Uma razão para isso esteja, talvez,

ligada ao olhar de classe dos sujeitos que, em sua maioria, não pertenciam a camadas mais vulneráveis da sociedade.

Freire (2018) preconiza que deve haver uma relação respeitosa na pronúncia e na escuta da palavra, tanto por parte dos professores como dos alunos, para em conjunto construírem conhecimento que faça sentido e que tenha um significado a todos os sujeitos da educação. Estar em um ambiente em que o sujeito se sinta livre e respeitado, é essencial ao desenvolvimento do ser. Percebemos que é preciso incentivar os jovens, por meio de problematizações das realidades em que vivem, a exercitarem o respeito mútuo em face as diferenças e as tensões cotidianas; outrossim, é preciso instigá-los a desenvolver a consciência de inacabamento de si e do outro, voltada à reflexiva postura “[...] no mundo, com o mundo e com os outros” (Freire, 1997a, p. 49).

Eixo 2: Percepções dos jovens sobre relações entre o conhecimento e o currículo

No Eixo 2, questionamos os jovens a respeito de suas percepções sobre as relações entre o conhecimento e o currículo. O intuito foi compreendermos se as suas concepções sobre os conteúdos ensinados na escola repercutem em suas trajetórias de formação e se o que é vivenciado nesse ambiente atende às suas necessidades, desejos e às suas expectativas.

A despeito da importância que os jovens atribuem à escola para as suas formações pessoal e social, como também para o preparo para o mercado de trabalho, ao refletirem acerca das relações entre o conhecimento escolar e suas necessidades concretas, alguns dos jovens aparentam trazer, em suas falas, a compreensão de que o currículo escolar deixa de lado a discussão sobre dimensões fundamentais para o pleno desenvolvimento da pessoa, o preparo para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho, que são inclusive princípios constitucionais.

Foi possível identificar também, uma preocupação comum entre os jovens, em relação à preparação para o vestibular. Nesse sentido, as falas tiveram atreladas à ideia de que um Ensino Médio de qualidade é aquele que prepara para a realização de uma prova que possibilita o ingresso em universidades. Pontuamos, a partir dessa constatação, que há uma tensão entre os jovens sobre o ingresso nas universidades. Nesse sentido, indagamos: O Enem é uma realidade para todos os jovens brasileiros? Esse tipo de formatação para o Enem não engessaria o currículo, tirando-lhe a criticidade?

Caminhos percorridos para o desenvolvimento de uma práxis dialógica com os jovens estudantes do ensino médio: uma perspectiva freireana

Chama atenção o fato de que os estudantes expressaram em suas respostas a percepção de que, frequentemente, a escola e o currículo não estão voltados ao atendimento de suas necessidades, anseios e expectativas, uma vez que eles não têm tido voz suficiente no espaço institucional. Apontamos, aqui, a necessidade do diálogo para a configuração de um currículo que reflita a vida e não de um que focalize, exclusivamente, um conteúdo escolhido de forma arbitrária por uma minoria hegemônica, pautado por exames de ingresso ao Ensino Superior.

Apesar de os jovens destacarem no Círculo de Diálogo a importância do diálogo para a construção de conhecimento, eles atestam, ao mesmo tempo, que, durante o Ensino Médio, o oposto é praticado, sobretudo em relação ao treino para a realização de provas e do vestibular. Essa consciência estampada nas falas de alguns sujeitos indica que, quando é garantido aos jovens o direito de voz, em situações de problematização da realidade, eles conseguem se distanciar das situações que impedem a sua humanização e realizar análises importantes para chegar a novas explicações sobre o real e projetar ações para transformá-lo.

Eixo 3: Percepções dos jovens sobre relações entre o conhecimento e a vida cotidiana

O Eixo 3 prioriza as concepções dos sujeitos sobre os conhecimentos adquiridos durante o Ensino Médio e a sua relação com a vida cotidiana. Essa dimensão foi construída, especialmente, em complemento ao que buscamos examinar no Eixo 2, a partir de questionamentos como: O que significa para os jovens serem alunos do Ensino Médio? Nessa direção, procuramos apreender sentidos e significados presentes nos desafios e nas oportunidades que essa fase da educação propiciou aos sujeitos da pesquisa.

A insegurança em relação ao futuro, a proximidade da “vida adulta” estiveram presentes nas falas dos jovens. O medo reflete a insegurança diante do novo, do imprevisível, da liberdade – não da liberdade entendida como escolha, mas, sim, como uma espécie de abandono, de falta de referências

Freire e Shor (1986), na obra *Medo e ousadia – o cotidiano do professor*, reconhecem o medo como um comportamento realista e concreto do educador e do educando, imersos em um sistema de educação bancária e dominadora. Os autores advertem, porém, que o medo é condição para a constituição da coragem e que o conhecimento é um ingrediente

indispensável para a sua superação, na medida em que permite encontrar explicações para ele e vislumbrar caminhos para vencê-lo.

Os estudantes entrevistados fizeram questão de frisar o quão difícil foi cursar o Ensino Médio no modelo remoto e não aprender os conteúdos ensinados nesses dois anos. A sensação de solidão e a decepção diante da ausência de encontros presenciais com colegas e professores foi uma constante para eles, no período.

De tais denúncias e expressões de incerteza, brotaram, porém, anúncios de esperança e, nas palavras dos jovens, eles descreveram o que seria para eles uma “escola ideal”. Em um ato de recriação da realidade, mesmo que no campo das ideias, os jovens aproveitaram o diálogo como forma digna e respeitosa de se construírem conhecimentos novos e perspectivar utopias.

No Círculo de Diálogo, quando foram instigados a falar sobre os significados atribuídos aos conceitos que emergiram da leitura que os pesquisadores fizeram das respostas iniciais dos jovens ao questionário, os sujeitos destacaram a liberdade da fala como uma condição para a realização de educação de qualidade.

Foi possível depreender que, para os jovens, há a importância da comunicação para a apreensão de conhecimento ou a criação de novas possibilidades de saber, considerando que o conhecimento é construído a partir de vários prismas, de várias ideias e perspectivas. A escola ideal para os sujeitos é, portanto, aquela na qual se respeita e se garante o direito à palavra de todos. É aquela que prioriza os alunos e não, uma escola voltada aos interesses dos poderosos.

Síntese da análise

A análise das evidências advindas das vozes dos sujeitos, na investigação, vai ao encontro de reflexões já realizadas por pesquisadores brasileiros e internacionais. Indagações como “Escola para quê?”, “Por quê?” e “Para quem?” nos instigam a pensar acerca de que educação estamos construindo para as jovens brasileiras e os jovens brasileiros.

Os jovens, sujeitos desta pesquisa, em diferentes momentos, indicaram que ainda não são suficientemente ouvidos na escola, mas que ser ouvido é uma condição importante, quando se aspira por uma escola plural e democrática. Eles elegeram o diálogo como um elemento central de uma escola mais justa.

Caminhos percorridos para o desenvolvimento de uma práxis dialógica com os jovens estudantes do ensino médio: uma perspectiva freireana

Os dados coletados permitem-nos inferir que o compromisso constitucional da escola com pleno desenvolvimento da pessoa, o preparo para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho, na percepção dos jovens, fica aquém de suas expectativas, ainda que eles reconheçam o esforço dos educadores em prol de sua educação e a indispensável função socializadora do espaço escolar. Além disso, os jovens demonstram perceber que a educação necessita, com urgência, de maiores investimentos em estrutura e em formação humana.

As evidências apontam para o desejo de uma escola que respeite as necessidades específicas dos jovens, que esteja em sintonia com a realidade social, cultural, econômica e histórica em que estão inseridos, e que ela não se perca em um emaranhado de conhecimentos desprovidos de sentido, que obstaculizem e limitem as suas escolhas. Pontuamos, por fim, que as práticas educativas precarizadas pela obrigatoriedade de implementação da BNCC e agravadas pela falta de investimento, oneram, seriamente, a educação pública brasileira, acentuando, dessa forma, a dualidade da escola, que direciona os mais ricos ao ensino propedêutico e os mais pobres ao treinamento profissional, acabando por enfatizar a reprodução histórica das desigualdades sociais.

Considerações finais

Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério. O jovem no Brasil nunca é levado a sério Sempre quis falar nunca tive chance. Tudo o que eu queria estava fora do meu alcance [...]. A polícia diz que já causei muito distúrbio. O repórter quer saber porque eu me drogo. O que é que eu uso. Eu também senti a dor. E disso tudo eu fiz a rima, agora tô por conta, pode crer que eu tô no clima. Eu tô no clima, eu tô clima. Eu tô no clima, segue a rima. Revolução na sua mente você pode você faz. Quem sabe mesmo é quem sabe mais [...]. O que eu consigo ver é só um terço do problema. É o Sistema que tem que mudar. Não se pode parar de lutar, senão não muda. A Juventude tem que estar a fim, Tem que se unir [...].
Chorão

As palavras rimadas do artista Chorão confirmam um grande peso que é depositado sob os ombros das juventudes, que suporta o jugo de parâmetros idealizados pelos adultos acerca do que traduz a “máxima humanização” com padronização de linguagem, postura, comportamento e escolhas compatíveis com o “modelo ideal de adulto”, cerceando, dessa forma, a liberdade de transformação de si e do mundo (Foracchi, 2018).

O artista denuncia, por meio de sua música, os grilhões sociais que impedem os jovens de conquistarem sua autonomia. Freire (1997b) ressalta que os jovens carecem de amorosidade e de entendimento de suas questões existenciais, posto que é, nessa fase, que

a pessoa tem consciência do seu passado e, portanto, se rebela em busca de autonomia e de concretização de sua identidade.

A educação, nesse processo de “autodescobrimento”, ganha um papel primordial de auxiliar os jovens na percepção de suas inconclusões e inspirá-los na busca de conhecer-se, modificar-se por meio do conhecimento coletivamente construído e transformar o mundo, sendo, assim, sujeito da educação e não objeto dela (Freire, 1979).

Na análise dos dados em resposta à pergunta central, percebemos que os jovens não têm podido contribuir para a construção do currículo, que hoje é proposto com o objetivo de realização de prova estandardizada do Enem. Mais alarmante ainda é o fato de que alguns jovens, por conta de o ensino ter sido no modelo remoto emergencial, realçaram que não aprenderam o bastante para fazer nem mesmo a prova, e que isso gerou frustração e decepção com a escola.

O silêncio imposto por alguns docentes foi apontado pelos jovens como um problema à construção de conhecimentos e de vínculos sociais, importantes à formação pessoal e social dos alunos. O receio de dar voz aos alunos é comumente confundido com autoridade em sala de aula.

No que concerne a uma possível resposta à pergunta motivadora da pesquisa, depois do exame cuidadoso das falas dos jovens em articulação com a nova legislação que distancia ainda mais as pessoas de acordo com suas classes sociais, podemos afirmar que os jovens que podem pagar por um ensino de qualidade com todos os itinerários formativos, na direção de poderem exercitar suas escolhas, gozarão de vantagens em comparação aos jovens que dependem do ensino público. Estes, hoje, sofrem com o congelamento de investimentos provenientes da Emenda Constitucional N° 95/2016, e, assim, não se terá condições de ofertar mais de um itinerário, limitando os jovens a se adaptarem ao possível nas escolas.

As políticas públicas educacionais para o Ensino Médio continuam sendo pensadas para o ajustamento social das classes economicamente menos favorecidas como forma de controle. Urge humanizarmos as relações educacionais entre educadores-educandos e educandos-educadores no cumprimento da função da escola, da sociedade e do Estado. Esse processo demanda ultrapassarmos obstáculos enraizados na estrutura histórica brasileira, porém necessitamos movimentar-nos em direção a esse fim.

Referências

- BRASIL. Lei Nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 150, p. 1-4, 6 ago. 2013.
- BRASIL. Emenda Constitucional Nº 95, de 15 de dezembro de 2016. Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 241, p. 2-3, 16 dez. 2016a.
- CHARLOT, Bernard. **Os jovens e o saber**. Perspectivas mundiais. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber**: formação dos professores e globalização. Questões para a educação hoje. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CORTELLA, Mário Sérgio. **Escola e conhecimento**. São Paulo: Cortez, 2018.
- CURY, Carlos Roberto Jamil; REIS, Magali; ZANARDI, Teodoro Adriano Costa. **Base Nacional Comum Curricular**: dilemas e perspectivas. São Paulo: Cortez, 2018.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, set/dez. 2003.
- FORACCHI, Marialice M. **A juventude na sociedade moderna**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Cartas aos animadores e às animadoras culturais**. São Tomé: Comissão Nacional de Círculos de Cultura Popular, 1978.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981a.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981b.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 1997a.
- FREIRE, Paulo. Não se pode ser sem rebeldia. [Entrevista cedida a] Ana Cecília Sucupira. **Revista Pais e Teens**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 12-15, fev./abr. 1997b. Disponível em: http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/bitstream/handle/7891/3278/FPF_OPF_07_081.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 15 mar. 2022.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2001.

FREIRE, Paulo. **Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho**. 14. ed. São Paulo: Ática, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Tradução Adriana Lopez. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GIOVEDI, Valter Martins. **A concepção de ensino-aprendizagem de Paulo Freire: fundamentos teórico-filosóficos**. Curitiba: Brazil/Publishing, 2019.

GRABOWSKI, Gabriel. BNCC esvazia e precariza o ensino médio. [Entrevista cedida a] Gilson Camargo. **Extra-classe**, 10 dez. 2018. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/educacao/2018/12/reforma-altera-a-estrutura-do-ensino-medio/>. Acesso em: 20 fev. 2022.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude**. Ensaios sobre a sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventudes: Sociologia, cultura e movimentos**. Alfenas: Universidade Federal de Alfenas, 2016. Disponível em: <https://magisbrasil.com/biblioteca-virtual/juventudes-sociologia-cultura-e-movimentos>. Acesso em: 14 mar. 2022.

LINHARES, Gustavo. Brasil supera pela primeira vez os 4 mil mortos por Covid-19 em 24h. **DeFato**, [s. l.], 16 abr. 2021. Disponível em: <https://defatoonline.com.br/brasil-supera-pela-primeira-vez-os-4-mil-mortos-por-covid-19-em-24h/>. Acesso em: 8 jul. 2021.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Revista Análise Social**, Lisboa, v. XXV, p. 139-165, 1990. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2022.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 15-24, set./dez. 1997.

SAUL, Alexandre; VOLTAS, Fernanda Quatorze. Políticas de formação docente no Brasil pós-golpe de 2016: tensões, desafios e anúncios a partir do referencial de Paulo Freire. **Revista de Educação Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 55, p. 132-162, 2021.

SAUL, Ana Maria; SAUL, Alexandre. Uma trama conceitual centrada no currículo inspirada na Pedagogia do oprimido. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 16, p. 1142-1174, 2018. DOI: <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2018v16i4p1142-1174>

SILVA, Cristiane Mello de Miranda. **Percepções de jovens acerca do conhecimento escolar durante o ensino médio: escola para quê, por quê e para quem?** 116fls. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Santos, Santos, 2022.

Caminhos percorridos para o desenvolvimento de uma práxis dialógica com os jovens estudantes do ensino médio: uma perspectiva freireana

VELOSO, Silene Gelmini Araújo. **Trabalho e empregabilidade no projeto curricular reinventando o Ensino Médio**: contribuições e desafios na definição da função social da escola. 2016. 276 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

Nota

ⁱ Consórcio de veículos de Imprensa formado pelas seguintes instituições: Estadão, O Globo, Folha de São Paulo, Extra e Uol, em parceria com 27 Secretarias de Saúde Estaduais para divulgação de dados acerca da pandemia. Foi criado em 2020.

Sobre os autores

Alexandre Saul

Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor da Universidade Católica de Santos (UniSantos). Atualmente é Coordenador do PPGE e da Cátedra Paulo Freire da UniSantos. E-mail: asaul@unisantos.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0021-8934>

Cristiane Mello de Miranda Silva

Mestra em Educação pela Universidade Católica de Santos (UniSantos). Doutoranda em Educação da Universidade Católica de Santos (UniSantos). E-mail: cristianemellosilva13@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1156-0313>

Fernanda Quatorze Voltas

Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). Professora da Universidade Católica de Santos (UniSantos). E-mail: fernanda14voltas@unisantos.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4166-6226>

Recebido em: 27/09/2024

Aceito para Publicação em: 05/10/2024